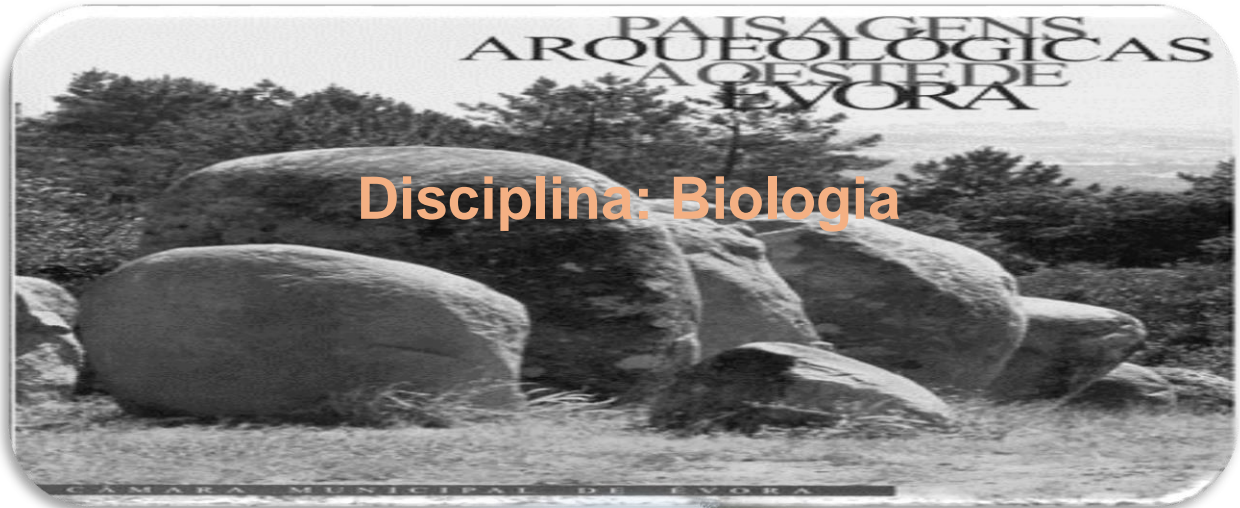




Visita de Estudo

Cromeleques de Almendres



Autores: Custódia Sousa; Abel Martins
Ano Lectivo de 2016-2017

Maió-16-2017



INTRODUÇÃO

O período Neolítico (12 mil e 4 mil a.C.), também conhecido como a Idade da pedra Polida, foi povoado por civilizações que começaram a desenvolver a agricultura e a domesticação dos animais. Tal condição, possibilitou ao ser humano fixar-se geograficamente, deixando assim, de ser nómada (*sem moradia fixa*) para se tornar sedentário (*com moradia fixa*).

Este facto, permitiu o desenvolvimento das primeiras comunidades (tribos, aldeias, vilas e cidades).

Estas comunidades fixaram-se nas regiões onde a vida era mais fácil: no litoral e nos vales junto aos rios.

A sedentarização permitiu ao Homem do Neolítico dedicar-se a outras actividades e desenvolver, ainda, outras práticas, enquanto expressão das suas vivências cultural, intelectual e religiosa

É neste período da vida humana que surge um fenómeno a que se chama Megalitismo.

Este fenómeno viria a estender-se por um longo período; em toda a Europa se erguem grandes construções feitas com enormes blocos de pedra, que simbolizavam rituais religiosos ou outros, tais como os ritos de passagem.

Será aqui que se contextualiza o objecto do nosso estudo: O Cromeleque dos Almendres.

Este monumento aparece envolto numa aura de misticismo e encantamento. Com efeito, ele representa um tempo sem tempo. Não obstante configurar um período da vida humana, onde a simplicidade e tranquilidade imperam. É como se se regressasse à era dos druidas e da comunhão com a natureza, por entre as malhas da nossa História, que nem o próprio **Tempo** se atreve a deslaçar.

O Cromeleque dos Almendres... Existem poucos lugares, cuja mística seja, tão poderosa que nem o próprio tempo parece conseguir tocá-los!

É na Herdade dos Almendres que podemos admirar esta maravilha: conjugação da natureza com o engenho humano.



A Herdade dos Almendres, localizada na freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe, guarda ciosamente um desses raros monumentos em que, a magia primordial de tempos já esquecidos brinca com a nossa imaginação e transporta-nos às origens. Uma memória viva, que nos aguarda, precisamente, em Évora!

A internacionalidade deste monumento é inequivocamente reconhecida.

No intuito de retirar da Visita de Estudo realizada àqueles monumentos, em particular ao cromeleque de Almendres, o mais possível do ponto de vista epistemológico, definiu-se como:

Objectivo Geral: Compreender a influência dos Cromeleques de Almendres enquanto monumentos megalíticos, na evolução do desenvolvimento civilizacional assim como na suas simbologia na cultura.



Núcleo megalítico de Carnac, situado na comuna de Morbihan (País França, Região Bretanha, Departamento **Morbihan**. Fica a 300 metros das Rochas de Carnac (Alinhamento Megalítico).



DESENVOLVIMENTO

“Depois de muitos anos de desterro, regressam novamente ribalta, como heróis (...). Poucos resistem à sua atracção ao verem-se longe dela, seja qual for a órbita em que se movam”

Miguel Torga, Contos da Montanha

"Na verdade, é quase demais dizer que a civilização, sendo um processo de crescimento longo e complexo, só pode ser completamente entendida quando estudada através de toda a sua complexidade, em que o passado é continuamente necessário para explicar o presente, e o inteiro para explicar a parte "

Autor desconhecido

O que define um Cromeleque?



- Identifica-se como um Cromeleque, um conjunto de menires dispostos no terreno, em forma circular.

O que define um Menir?

- Considera-se estar na presença de um menir, quando olhamos uma pedra singular (geralmente de dimensões consideráveis) cravada no solo de forma a ficar erecta – esse objecto pode também ser denominado de monólito.

O nome menir, é adoptado pelos arqueólogos do século XIX. Significa em bretão antigo “pedra longa” (men+hir, idêntico ao gaélico maen hir).

O que se entende por monólito?

Um **monólito** é pedra de grandes proporções, uma obra ou monumento construído a partir de um só bloco de rocha.

Ao menir é atribuído poderes sobre a fertilidade e a chuva. O que concorda com as práticas antigas quando utilizado pelas civilizações antigas como geopuntura, (geopuntura é entendida como sendo a acupunctura da Terra).



Através da geopuntura podemos neutraliza as energias entre um local e outro. Para o efeito utilizam-se pedras com formato específico, ou varetas de cobre fincadas no solo (fixação do



monólito em ponto específicos dentro de uma análise geopatológica).^{1 2}

O Cromeleque dos Almendres é muitas vezes denominado de recinto ou monumento megalítico. (O apelido megalítico corresponde a qualquer tipo de estrutura desta natureza, construída, recorrendo à erecção de menires).



É consensualmente aceite que o Cromeleque dos Almendres é um monumento megalítico construído durante o período Neolítico³.

O período Neolítico corresponde ao período em que se adoptaram os sistemas de agricultura e pastorícia. Concomitantemente manteve-se o fabrico de utensílios de pedra polida e a cerâmica. Este período teve a duração genérica entre 5500 a.C.-3 000 a.C., e precedeu a as Idades do Ferro e do Bronze.

¹ Geopatológica, termo derivado de geo (terra) e patologia (ciência que estuda as causas, sintomas e natureza das doenças), aplica-se às várias forças ou energias, emanadas da Terra, que podem, isoladamente ou em conjunto, desencadear mal-estar e doenças nos seres humanos, mas também à maioria dos animais domésticos e a algumas espécies de árvores e plantas. Esses campos energéticos não são a causa mais próxima das doenças, como os vírus e as bactérias, mas, porque enfraquecem os sistemas imunitários, «abrem as portas» à sua manifestação. <http://www.arquitecturasensivel.com/pdfs/geopatologia.pdf>

² Muitos dos quais, eram empregados, por vezes, como sinalizadores das energias telúricas existentes no local em que eram “plantados” <https://estadovibracional.com/2013/07/>.

³ Figueiredo P; 2004, “Dicionário de termos Arqueológicos”. p.



Localização do Cromeleque de Almendres

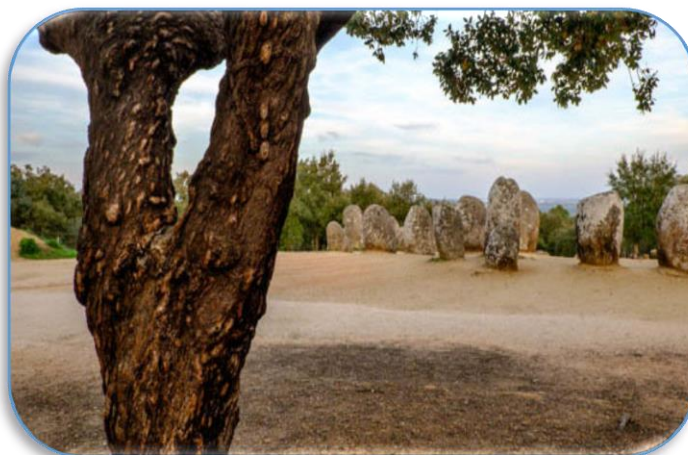


Este monumento localiza-se na região de Évora. (A cidade de Évora é densamente coberta por sítios arqueológicos, que vão desde o início do Neolítico (7000 a 8000 anos atrás) até a Idade do Ferro, abrangendo menires, antas, necrópoles e povoações pré-históricas).

Trata-se de um cromeleque erguido na

encosta de uma colina voltada a nascente. Pode ser considerado como um reflexo claro e de proporções gigantescas dessa era de encantamento pagão, também providencialmente conhecida por Período da Pedra Polida.

Este recinto megalítico (*mega*=grande; *litho*=pedra), situa-se numa encosta suave bem alentejana na Herdade dos Almendres.



O Cromeleque de Almendres localiza-se na freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe, no concelho de Évora, e distrito de Évora.

Pertence, assim, ao universo megalítico eborense e está relacionado com outros círculos de pedras das proximidades, como o Cromeleque da Portela de Mogos, em Montemor-o-Novo.



Considera um círculo de pedras pré-histórico.-daí o denominar-se cromeleque.-.com 95 monólitos, dispostos em dois círculos concêntricos. É o monumento megalítico, dentro do seu tipo, mais importante da Península Ibérica, e também dos mais importantes da Europa.



Essa importância advém-lhe, não apenas pelas suas dimensões, como também pelo seu estado de conservação. Junto com o menir dos Almendres, localizado nas proximidades, o conjunto é classificado pelo IGESPAR⁴ como Imóvel com vista ao Interesse Público desde 1974.

Dada a importância atribuída a estes monumentos, prevê-se a possibilidade de os “elevar” a Monumentos Nacionais.

O conjunto megalítico foi descoberto em 1964 pelo investigador Henrique Leonor Pina, durante os trabalhos de mapeamento para a Carta Geológica de Portugal

O cromeleque encontra-se numa propriedade privada.

No entanto, a zona do monumento está cedida à Câmara Municipal de Évora, em vista a uso público.



⁴ Criado no âmbito da nova lei orgânica do Ministério da Cultura, este Instituto resultou da extinção e fusão dos antigos Instituto Português de Arqueologia e Instituto Português do Património Arquitectónico, Art.º 23-3-c de Dezembro de 2011).



Nos Cromeleque de Almendres encontramos menires decorados, que configuram as práticas de culto da época e que apelam aos poderes da Natureza Mãe.

No contexto cultural dos menires há que ter, ainda, como referência o seu papel como marcos territoriais.



Dez dos monólitos do cromeleque apresentam uma decoração em forma de relevos ou gravuras.

De entre de estes quatro possuem apenas "covichas" (série de pequenos buracos escavados na pedra). Os outros menires decorativos, resultantes do seu posicionamento estratégico dentro do conjunto;

parecem assumir o papel de autênticos menires de estelas⁵. O menir conhecido como **48** exibe uma representação esquemática antropomórfica, rodeada por círculos e associada a representações de quadros; vê-se aqui **uma** pequena figura antropomórfica associada a um báculo (o báculo tem como função unir o seu rebanho de fiéis e defendê-los do "maligno");

⁵ Estela é uma palavra que admite diversos significados, e assim ter diferentes origens etimológicas. Quando deriva do latim stela (que, por sua vez, deriva do grego), trata-se de um monumento comemorativo que se levanta sobre o solo à semelhança de um pedestal ou de uma lápida.

Na estela, alguns povos da antiguidade costumavam escrever símbolos, sinais, figuras ou textos que explicavam a razão da construção. É hábito as estelas serem monolíticas e feitas de materiais pétreos (à base de pedra) <http://conceito.de/estela>.



- **Menir 56:** numa face aplainada observa-se uma representação estilizada de uma grande face humana, com nariz, olhos e boca. Pode ser considerado uma estátua-menir;
- **Menir 57:** também este, numa face aplainada, mostra uma série de treze relevos em forma de báculos. Essas figuras observam-se também noutros menires, sendo provavelmente, representações de objectos de prestígio social construídos em xisto e materiais perecíveis (os báculos de xisto são encontrados nos monumentos megalíticos alentejanos);
- **Menir 58:** possui três representações de discos solares, associados a ondulações que representam raios.
- **Menir 64:** localizado próximo ao centro do recinto maior, apresenta relevos em forma de raquetas e círculos;
- **Menir 76:** também possui uma figura antropomórfica, como o menir 56. A decoração de ambos se assemelha ao de menires do Cromeleque da Portela de Mogos⁶.

De salientar que nos diferentes menires, relativamente aos aspectos antropomórficos, observam-se alguns simbolismos.

⁶ A Portela de Mogos implanta-se junto ao topo de uma encosta bastante declivosa, exposta a nascente e, tal como os Almendres, ocupa um ponto bastante destacado na paisagem regional. Encontra-se numa lomba em cujo topo mais ou menos aplanado, afloram sobretudo as rochas do complexo migmatítico. Estas correspondem às últimas estribações orientais da serra de Monfurado. Trata-se, em ambos os casos, tal como em S. Sebastião, de pontos com elevado domínio visual sobre a peneplanície. Esta estende-se para leste, enquadrada, no horizonte, pela serra d'Ossa. https://www.geocaching.com/geocache/GC23YKE_portela-de-mogos-evora?guid=684dde72-f11b-43c6-a7c8-ac722491e14e



Os alinhamentos de menires, entre outros simbolismos, referiam-se ao *culto da fecundidade*, tanto dos solos com o fim de os tornar produtivos, como das mulheres para se tornarem férteis, enquadrando-se assim no tipo de culto à Grande Deusa-Mãe. Esta figura simbólica, na Pré-História era reconhecida como a Divindade Primordial, nutridora dos seres vivos, portanto, a própria Natureza viva em cujos fenómenos geológicos e atmosféricos reconheciam as manifestações da própria Deusa-Mãe. Os menires de formato fálico ficam assim explicados: expressam a fecundidade da Natureza e os prodígios da fecundação. Esta circunstância só pode ser representado pelo membro viril masculino.

Apesar dos monólitos terem predominantemente uma forma mais ovóide, existem bastantes megálitos, “pedras de proporções maiores”, com formatos fálicos. O Menir dos Almendres



encontra-se nesta categoria. Com efeito, este “obedece” a um tamanho descomunal. De notar que, ele está intimamente ligado ao Cromeleque, embora isolado do mesmo. No Solstício de Verão o menir aponta o nascer do sol, ou seja, ao ponto cardeal este, quando visto do cromeleque de Almendres.

Geologia dos cromeleques de Almendres

Na pedreira da Herdade do Monte das Flores é explorada a **fácies** mais representativa do maciço

correspondente a granodiorito de grão médio não porfiróide⁷ que apresenta notável expressão cartográfica na folha 40-A da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000 (CARVALHOSA, A. et all Notícia explicativa da Folha 40-A. Évora, Escala1:50 000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 26p.). Trata-se de uma rocha granodiorítica⁸ de cor cinzenta escura, com foliação acentuada, apresentando textura hipidiomórfica⁹ granular cujos minerais

⁷ Cristais de maiores dimensões (megacristais ou fenocristais) envolvidos por uma matriz fanerítica de grão mais fino.

⁸ São gnaisses **granodioríticos**, com variações para tipos tonalíticos e graníticos (gnaisses são rochas metamórfica, também designada gneisse, formada por camadas escuras de minerais ferromagnesianos).

⁹ Relaciona-se com as texturas dos cristais.



essenciais são a plagioclase¹⁰, quartzo, microclina¹¹, hornblenda¹² e biotite¹³. O zircão e minerais opacos estão presentes como minerais acessórios¹⁴. O granodiorito aqui extraído é utilizado essencialmente como rocha ornamental.

Espacialmente associado à mancha de quartzodioritos e granodioritos merece um destaque muito especial o Menir e o Cromeleque dos Almendres, cujos monólitos foram esculpidos em granodiorito porfiróide de grão grosseiro a médio. O conjunto megalítico encontra-se implantado nos gnaisses granitóides e migmatitos mas as litologias¹⁵ usadas na sua construção são provenientes de pequenas manchas de granodioritos porfiróides intrusivas nos gnaisses e migmatitos que ocorrem nas imediações¹⁶.



¹⁰ É formado basicamente por alumínio, sódio e cálcio, sendo que a quantidade destes elementos pode variar bastante. Tem alto grau de dureza e brilho vítreo.

¹¹ Mineral silicato potássico do grupo dos feldspatos (Designa um dos grupo de minerais mais importante uma vez que perfaz o maior volume da crosta terrestre, cerca de 60%. Além da grande frequência esse grupo apresenta ampla distribuição, constituindo-se dessa forma na principal base de classificação das rochas magmáticas).

¹² ¹² É a designação dada a um grupo de minerais monoclinicos, do grupo das anfíbolas, constituídos por mistura isomorfa de silicatos de cálcio, magnésio, ferro, alumínio e, por vezes, também de sódio, manganês ou titânio

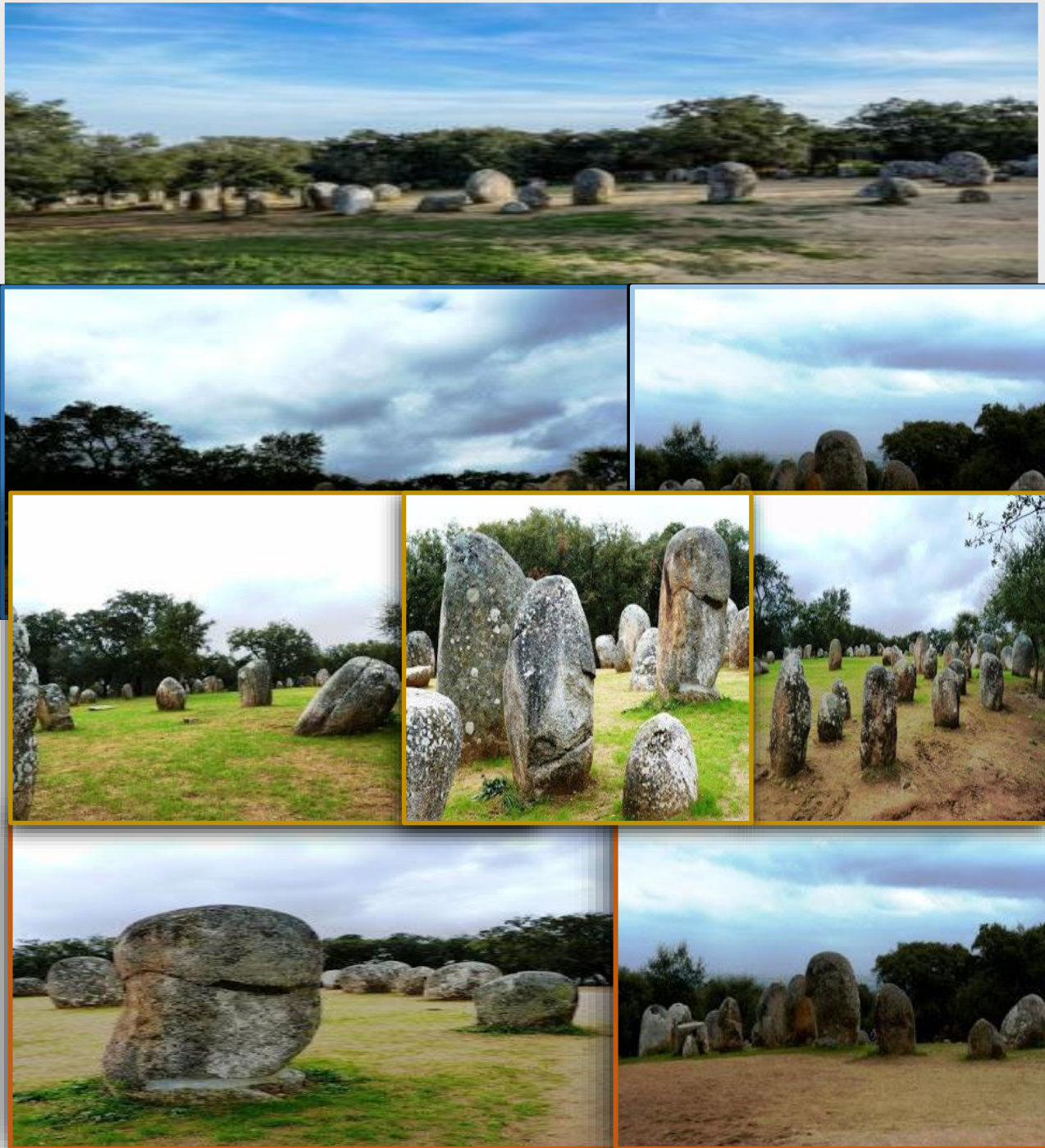
¹³ **Biotite** é um mineral comum da classe dos silicatos (Por definição, um **silicato** trata-se de um composto constituído pelos elementos químicos silício (Si) e oxigénio (O₂), derivado do ácido salicílico, que pode ser um sal ou um éster.

¹⁴ Os minerais acessórios revelam condições especiais de cristalização.

¹⁵ O termo **litologia** pode referir-se à ciência que estuda os processos de litificação, ou às categorizações referentes a esses mesmos processos e aos tempos geológicos em que ocorreram. Litologia está relacionada a rocha que irá formar o solo. A rocha formadora do solo pode ser o material de origem do solo, porém em solos profundos o material de origem é o rególito, que vem da alteração da rocha. Assim, as variações litológicas irão ser as variações que as rochas no decorrer do tempo, resultando daí, um tipo de solo. Cof, <http://dicionariportugues.org/pt/litologia>

¹⁶ Carvalhosa, AB, Carvalho, A. MG., Matos Alves, CA, Pina, HL. *Carta Geológica de Portugal, na escala de 1:50 000. Notícia explicativa da Folha 40-A (Évora). Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. p.

Moita P, Santos JF, Pereira MF. Tonalites from Hospitais Massif (Ossa Morena Zone, Sw Iberian Massif, Portugal): Geochemistry and petrogenesis. *Geogaceta* 37, 51-54. Moita P, Santos JF, Pereira, MF. Layerd



granitoids: Interaction between continental crust recycling processes and mantle derived magmatism. Examples from the Évora Massif (Ossa-Morena Zone, southwest Iberia, Portugal). Lithos.pp 125-141.



Conclusão

O cromeleque dos Almendres constitui, por certo, uma construção de carácter plurifuncional, verdadeiro monumento, criado segundo projecto preciso e propósitos objectivos, capaz de organizar, durante cerca de dois milénios, o espaço em termos físicos e psicológicos, estruturando, como “lugar central”, o território em seu redor. Ele foi, também, local de agregação e coesão social. Tal pode ser visto no esforço desenvolvido na sua edificação.

Considera-se ao tempo, símbolo de autoridade político-religiosa no seio das populações de economia agro-pastoril e seminómades que habitaram aquela região.

Em termos mais específicos, é possível que a sua forma e composição sejam reflexo de funções ligadas às observações e previsões astrais, como ainda às práticas propiciatórias, em geral, conforme demonstram tanto o falimorfismo de alguns menires como as suas decorações”.



BIBLIOGRAFIA

[\(https://lusophia.wordpress.com/2011/09/\)](https://lusophia.wordpress.com/2011/09/)

[\(http://www.dicionarioinformal.com.br/mon%C3%B3lito/\)](http://www.dicionarioinformal.com.br/mon%C3%B3lito/).

Carvalhos, A, Carvalho, A, ALVES, C, PINA, H. Notícia explicativa da Folha 40-A. Évora, Escala 1:50 000. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal; 1969. 26 p.

Carvalhosa, AB, Carvalho, A MG, Matos Alves, CA, Pina, HL. Carta Geológica de Portugal, na escala de 1:50 000. Notícia explicativa da Folha 40-A (Évora). Serviços Geológicos de Portugal: Lisboa; 1969.

Moita, P, Santos J, Pereira MF,. Layered granitoids: interaction between continental crust recycling processes and mantle-derived magmatism. Examples from the Évora Massif (Ossa-Morena Zone, southwest Iberia, Portugal). Lithos. 2009;111 (3–4), 125–141.

Moita P., Santos JF, Pereira M. F. Layered granitoids: Interaction between continental crust recycling processes and mantle derived magmatism. Examples from the Évora Massif (Ossa-Morena Zone, southwest Iberia, Portugal). Lithos. 2009; (111).pp. 125-141.

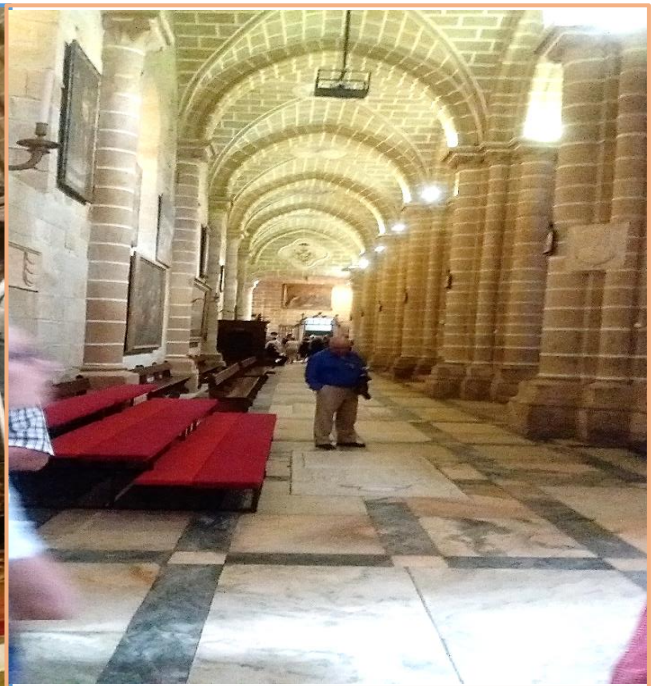
Pereira, MF, Silva, JB, Chicorro. Internal structure of the Évora high-grade terrains and the Montemor-o-Novo shear zone (Ossa–Morena Zone, Portugal). Geogaceta. 2007; 33.pp. 79-82.



Anexo: Memórias









The end!